

EM BUSCA DE NOVAS PROPOSTAS PARA O ENSINO MÉDICO CONTRIBUIÇÕES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

SEARCHING NEW PROPOSALS FOR MEDICAL TEACHING
(SOCIAL SCIENCES CONTRIBUTIONS)

Maria Esther Fernandes¹ & José Eduardo Dutra de Oliveira²

¹Docente. Socióloga. Aposentada pela UNESP-Campus de Franca - SP. Professora da área "Medicina, Sociologia e Humanismo" na Faculdade de Medicina da UNAERP - Ribeirão Preto - SP. ²Docente Aposentado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – Coordenador do Curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP - Ribeirão Preto - SP. CORRESPONDÊNCIA: Maria Esther Fernandes – Rua Alice Alem Saadi, 274, aptº. 12 - Ribeirão Preto - SP - CEP: 14096-570. Telefone: (016) 627-3534.

FERNANDES ME & DUTRA DE OLIVEIRA JE. Em busca de novas propostas para o ensino médico (Contribuições das ciências sociais). **Medicina, Ribeirão Preto**, 31: 456-459, jul./set. 1998.

RESUMO: Pesquisa recente da CINAEM (Comissão Interinstitucional de Avaliação do Ensino Médico) aponta falhas na formação dos médicos brasileiros: deficiente formação ética e humanística; especialização precoce; preparo inadequado para o trabalho com a comunidade e para o atendimento às demandas da população. A formação de profissionais que atendam às exigências de um mercado extremamente competitivo e, ao mesmo tempo, engajados na realidade onde deverão atuar, é tarefa que se impõe a todos aqueles que pretendem colaborar na formação das novas gerações, nesta época marcada por profundas mudanças sociais.

UNITERMOS: Mudança Social. Educação Médica. Relações Médico-Paciente. Ciências Sociais.

Há mais de um século, Weber⁽¹⁾ afirmava que nossa civilização se enriquecia, progressivamente, de conhecimento, de saber e de problemas. A realidade presente vem confirmar a atualidade dessa premissa.

Vivemos a chamada “civilização do presente”, impregnada pela ideologia do consumo, do descartável, voltada para a valorização do novo, para a realidade imediata. Nela, tudo se desenvolve na superfície dos acontecimentos, no movimento dos “flashes”, vogas e ondas. Uma das conseqüências do “Espírito do Tempo”⁽²⁾ é o colapso dos horizontes temporais e a celebração das qualidades transitórias da vida moderna, onde o *Sendo* torna-se a realidade essencial.

As transformações aceleradas de nossa sociedade têm características inusitadas: abarcam todas as regiões do planeta, todos os grupos sociais, todos os indivíduos e todos os aspectos da vida humana, passando a exigir constantes adaptações, obrigando o ser

humano a conviver com essa realidade como se tratasse de um processo habitual.

A rapidez da mudança é o dado constante e paradoxal da nossa sociedade digital e informática, da cultura cibernética. Essa cultura encobre, sob a máscara inumana da técnica, uma realidade que a denominação asséptica, “novas tecnologias”, pretende ocultar: o padrão excludente que o neoliberalismo traz em seu bojo.

A linguagem das cifras - que se pretende meridiana - revela essa realidade: triplicou o número de pobres no mundo, ampliando o fosso entre as desigualdades sociais. No Brasil, pesquisa recente aponta que há um contingente de setenta (70) milhões de excluídos, ou seja, de seres humanos que vivem à margem da festa do lazer e da vida, totalmente desprovidos dos bens que a civilização tecnológica criou e que, virtualmente, deveriam estar ao alcance de todos, numa

sociedade onde a injusta distribuição de renda gera deformidades no sistema, a ponto de crianças, na faixa etária de seis a dez anos, serem obrigadas a trabalhar para contribuírem com o orçamento familiar.

Há realidades que as cifras não revelam. Entre as camadas populares, matizes da pobreza apontam suas condições de existência: habitando espaços insalubres, mal-cheirosos, desumanos, a miséria impede a privacidade e impõe a improvisação: janelas sempre abertas para outras janelas vizinhas, a sala que vira quarto, o quarto que vira cozinha, a cama que vira cadeira. No outro extremo, uma minoria privilegiada, cercada pelas artes do conforto e por todo um aparato de segurança, aparentemente muito bem integrada, vive a “angústia do bem-estar moderno”, evidenciando o fato de que a atual civilização malogrou em atender às necessidades mais profundas do ser humano.

Esse panorama denota o aspecto “beco sem saída” de um mundo cada dia mais tecnológico e menos filosófico, mais informado e menos instruído, mais racional e menos humano.

A distância que separa ricos e pobres se aprofunda a cada dia. Um gigantismo assimétrico, como diria Pascal, jamais foi expressão de desenvolvimento social. Só se poderá falar de grandeza, só será lícito orgulhar-se dessa civilização tecnológica, quando o progresso não ficar limitado a uma das extremidades, mas ocupar um amplo espaço, estendendo seus benefícios à grande maioria da população do globo.

Apontar o cenário onde se descortinam essas contradições, a magnitude e complexidade dos problemas suscitados por esta época, gerados por nossa estrutura social, é um imperativo moral e ético da universidade.

Uma das conclusões do processo de avaliação das escolas médicas, feita pela CINAEM⁽³⁾ (Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico), no período de 91 a 97, abrangendo quarenta e oito (48) das cerca de oitenta (80) escolas médicas, existentes no país, constatou que, ao concluir o curso de graduação, os médicos brasileiros apresentam formação ética e humanística deficiente, são precocemente especializados, inadequados para o trabalho com a comunidade e para o atendimento às demandas da população.

Corroborando essa idéia, Alain Florent Stempfer⁽⁴⁾, da Fundação Getúlio Vargas, afirma que a cultura geral, a postura ética e a responsabilidade social serão elementos imprescindíveis para a formação do profissional do futuro.

“Todas estas são qualidades que serão valorizadas nas melhores ocupações. Evidentemente, o profissional deverá também dominar aqueles conhecimentos e técnicas que são específicos do seu trabalho. Como sempre, o médico terá que conhecer medicina, o advogado, as leis e os processos (...) mas também psicologia, sociologia (...). Antes de mais nada ele deve ser um generalista no âmbito desses conhecimentos e ter confiança para tratar com problemas e tomar decisões em um mundo diversificado, complexo e interdependente”

Jamais haverá bons profissionais que apenas conheçam as regras da profissão. Além de dominar as habilidades do saber médico, o profissional deve ser, antes de tudo, um ser humano voltado para os problemas de sua sociedade e de sua época.

No que diz respeito à capacitação para o trabalho em comunidade, ressalte-se que o trabalho de campo não é tarefa simples. Ele nos obriga a certa modéstia, a rever princípios estabelecidos, crenças e visão de mundo. Longe de se constituir em tarefa “menor”, atribuída a debutantes, é “lugar de perturbação”⁽⁵⁾, implicando sempre um questionamento das questões. Aí se conjugam dificuldades de várias ordens: confronto do empírico com o teórico; de princípios gerais com o singular concreto; do abstrato com a realidade viva. Em suma: da dialética entre teoria e prática.

É o trabalho de campo que possibilita ao aluno um vai-e-vem entre “micro” e “macro”; a compreensão de como fenômenos e realidades “locais” (a creche; o ambulatório; o bairro da periferia; o asilo) são influenciados, porque inseridos, por uma realidade mais ampla (sociedade global) e vice-versa.

Assim, família e comunidade não existem no vazio; são parte integrante de um contexto mais amplo: físico, sócio-econômico e cultural. É preciso fornecer ao aluno elementos para que compreenda melhor a diversidade (e riqueza) de universos culturais distintos do seu. Só assim ele poderá estar preparado para a “escuta do outro”, para a difícil arte da dialética dos saberes, para a comunicação médico-paciente. Enfim, para identificar, com maior clareza, as estruturas geradoras da saúde e da doença.

A capacitação do aluno para a comunicação com o paciente, a família e os colegas é tarefa árdua. Isto porque a “escuta do outro” implica conhecimento das diferentes maneiras de pensar, sentir e agir das pessoas envolvidas. Exige escuta atenta, observação paciente para perceber a “dimensão oculta” das pausas, gestos, expressões faciais, silêncios. Enfim, para

que se possa perceber o que se esconde, o que está por trás do discurso manifesto. Essa comunicação exige do profissional uma disposição pessoal para ir ao encontro do outro, estabelecendo, assim, as condições para o diálogo.

Faz-se mister recuperar o lugar social da universidade, revitalizar, nos segmentos cobertos pela Sociologia, Psicologia, Antropologia, a inserção dessas áreas na realidade social imediata, em detrimento, se necessário, dos aspectos acadêmicos dessas disciplinas. Por “aspectos acadêmicos” entende-se, por exemplo, o estudo da história da Sociologia. Para o estudante que não está destinado a tornar-se um especialista em Sociologia, tais aspectos são irrelevantes quando comparados com a análise do significado do aqui e agora social.

Há outro dado que gostaríamos de ressaltar: especialistas de diferentes áreas vêm alertando os educadores para o papel da escola - fornecer elementos ao aluno para que aprenda a aprender - uma vez que a nossa era passa a exigir o “aprendiz permanente”*

Barthes⁽⁶⁾, discorrendo sobre a concepção de ensino, salienta três práticas da educação: o ensino, a aprendizagem e o que ele denomina “*maternagem*”.

“*Quando a criança aprende a andar, a mãe não anda, a mãe não discursa, nem demonstra; ela não ensina a andar, ela não o representa (ela não anda diante do filho): ela sustenta, encoraja, chama (se afasta e chama); ela incita e envolve: a criança chama a mãe e a mãe deseja o andar do filho*”.

O estudante de hoje tem de se convencer de que a aprendizagem é uma tarefa eminentemente pessoal e a construção do conhecimento, processo lento, contínuo; demanda perseverança, melhor dizendo, paixão pelo saber, ânsia pelo aprender. É preciso que ele se transforme num autodidata, de modo a assimilar qualitativa e seletivamente a enorme diversidade (e complexidade) da soma de informações das várias áreas do saber. Substituir o ensinar pelo aprender é tarefa que a universidade deverá assumir. O professor togado, decifrante, catalogante cede espaço ao *meestre*, cuja função é a de transmitir não um saber definitivo, completo e acabado, mas um desejo de saber. O desejo só se transforma em ato, se e quando o aluno se transformar no sujeito do ato de saber.

* Recentemente, a expressão “*aprendiz permanente*” ou “*aprendiz contínuo*” vem sendo utilizada no sentido da busca do conhecimento e/ou informação não mais se limitar aos quadros da educação formal. Frente às crescentes exigências do mercado e da sociedade globalizada, o autodidatismo tornou-se imperativo na vida de todos nós, como condição básica de cidadania.

O curso de Medicina da UNAERP tem como diretrizes básicas: formação centralizada no aluno; formação generalista; formação humanística.

A introdução da disciplina Medicina, Sociologia e Humanismo na grade curricular do referido curso tem como objetivo suprir algumas lacunas na formação do futuro médico. Entre elas, sua formação humanística.

Ao longo de quatro semestres (da 1ª à 4ª etapa) o aluno toma contato com os fundamentos de Sociologia, Antropologia, Psicologia e Bioética. O intuito é situá-lo frente à realidade social, à diversidade das culturas humanas, à pluralidade e singularidade das formas de comunicação, oriundas da determinação social da linguagem. Um novo olhar sobre o universo de vida e o cotidiano de outros grupos sociais propicia ao profissional de medicina uma visão mais ampla das camadas sociais com as quais irá trabalhar. Elemento de fundamental importância para o respeito pelo diferente é a comunicação com o outro.

A tentativa é que o aluno venha compreender as condições de produção da saúde e da doença, o contexto de onde brotam uma e outra. E é essa perspectiva que o levará a considerar a prática médica não apenas como atividade técnica e científica, mas, sobretudo, como prática social.

Como compreender o que desconhecemos?

O conhecimento da realidade implica o conhecimento das características dominantes de nossa sociedade.

Para que os princípios da disciplina Medicina, Sociologia e Humanismo não se percam frente ao aprendizado técnico e às habilidades necessárias ao saber médico, que se intensificam progressivamente, ao longo do curso, ela estará presente durante todo o período de formação do aluno, sob a forma de palestras e discussões.

Abandonar o conflito teoria/prática, humanidades/tecnicidades, em prol das possibilidades criadoras passíveis de serem obtidas através de um jogo dialético entre esses dois componentes do ensino, é tarefa que se impõe a todos aqueles que pretendem colaborar na formação das novas gerações.

O desafio maior que se apresenta para as Ciências Sociais, num curso de Medicina, é o de situar o aluno frente à complexidade da realidade social e das relações humanas, neste final de século - passo primeiro para sua formação humanística.

Exercício difícil, caminho a percorrer, ideal a perseguir...

FERNANDES ME & DUTRA DE OLIVEIRA JE. Searching new proposals for medical teaching (social sciences contributions). *Medicina, Ribeirão Preto*, 31: 456-459, july/sept. 1998.

ABSTRACT: Recent research come out by CINAEM (Interinstitucional Comission to Evaluate Medical Students) brought out faults in the teaching and training of Brazilian medical students: deficient ethic and humanistic background; early specialization not well prepared to deal with local communities considering actual community demand population. The training of professionals in an extremely competitive market, and at the same time conscious of the present social reality should be a matter of concern to be which addressed by those involved in the preparation of new generations in our age, marked by great special changes.

UNITERMS: Social Change. Education, Medical. Physician-Patient Relations. Social Sciences.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - WEBER Max. **Le savant et le politique**. Plon, Paris, 1959.
- 2 - MORIN E. **Cultura de massas no século XX**. Forense, Rio de Janeiro, 1969.
- 3 - CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **A realidade das escolas médicas**. Brasília, Ano X, nº 84, 20-21, agosto/97.
- 4 - STEMPFER AF. "Seu filho tem que ser melhor que você". Brasil em exame. **EXAME**, p. 36-37, set. 1997.
- 5 - DEVEREUX G. **De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement**. Flammarion, Paris, 1980.
- 6 - BARTHES R. "Au seminaire": **L'ARC 56**: 52-82, 1974.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 - MORAIS P de. **Comunicação, tecnologia e destino humano**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1972.
- 2 - VALLE E & QUEIROZ JJ, org. **A cultura do povo**. CORTEZ & MORAES, EDUC, São Paulo, 1979.

Recebido para publicação em 05/12/97.

Aprovado para publicação em 01/09/98.